

## OS VALORES ESTÉTICOS SEGUNDO LOUIS LAVELLE: PASSAGEM DE UMA POTENCIALIDADE A UMA ATUALIDADE AXIOLÓGICA

**Maria Vassiliadou**

Universidade de ATENAS – Grécia

A oscilação da noção de valor entre a “objetividade” e a “subjetividade” dos dados da consciência, é um tema eterno da Filosofia. Sua definição como “centro de interesse”, “pólo de atração” ou “termo de participação” constitui um jogo incessante no pensamento ocidental. Afinal, o que é o valor? Uma idéia ou mais ainda, um ideal, um ser real ou a própria consciência? A originalidade de Lavelle está em tornar o valor a peça principal de sua teoria da participação, incorporando finalmente o valor à existência. O valor estético, o maior dos valores torna-se a passagem de uma potencialidade a uma atualidade axiológica, passa-se de uma noção estática a uma noção dinâmica.

O valor é sempre o elemento constitutivo de uma axiologia, isto é, de uma ciência de estimativa ou de apreciação que no fundo não é mais que uma espécie de metafísica da sensibilidade e do querer. Longe de ser um ser estático, um objeto que se contempla, o valor é uma ação a ser realizada e uma prática a ser observada. Fruto da projeção de nossa sensibilidade nas coisas, de modo a ser, o que nos objetos do mundo possui um reflexo do eu, ele se apresenta em todo o lado, onde somos capazes de desejar ou querer, de admirar ou amar. Na axiologia, isto é, o conjunto do sistema do Bem (correspondendo ao Ser), do Valor ( correspondendo à existência) e Ideal (correlativo do Real), o valor está reservado à existência, à passagem do Ser ao Real, à participação em ato. Ao mesmo tempo em que nos é dado, engaja-nos numa situação e depende de um ato livre, pelo qual o fornecemos a nós mesmos. Tal como a Existência, possibilidade real que a cada instante lhe é incumbida atualizar o valor é o ser enquanto recebe uma forma interior e individual, implicando a uma atividade que procura realizá-lo. Enfim, a existência é somente o valor supremo, na medida em que nos faz participar do ser que é um só com o Bem e, que traz em si a sua origem e a condição de possibilidade de todos os outros valores.

Neste campo, os valores estéticos ocupam o primeiro lugar, pois a arte à qual se referem, transfigurando a natureza e fazendo aparecer uma situação espiritual original, fazem-nos descobrir que a beleza não é uma característica das coisas, mas que se nos revela através delas e, ainda

por transparência, revela-nos uma realidade espiritual da qual as coisas se tornam testemunhas.

Pode-se dizer que o valor estético nasce no momento em que podemos iluminar a coincidência do real e do ideal. Surge no momento em que o espírito humano se junta à coisa no próprio ato da criação, pois, na obra de arte a revelação do Belo é nos dada de modo que a contemplação e a criação se encontram unidas por uma indissolúvel reciprocidade. Então, a estética obriga-nos a reconhecer uma afinidade entre o real e o espírito, seja quando o espírito se encontra nas coisas, quando nos parecem belas, seja quando lhe é incumbido torná-las belas, pelo próprio exercício de sua potência criadora. Participando ao mesmo tempo da contemplação e da criação, faz-nos reconhecer uma afinidade entre o real e nós mesmos. Os valores estéticos residindo neste prazer desinteressado que nos dá o puro espetáculo das coisas, pertencem à ordem da contemplação. E para Lavelle a essência da arte é exclusivamente contemplativa pois nela o espírito olha-se como num espelho.

Seguindo Le Senne que atribui ao valor estético uma dupla característica, isto é, dirigido para o realizado o passado como a ciência, mas ao contrário dela, interiorizando para o colocar em contato com a nossa própria subjetividade, Lavelle acrescenta que nesta contemplação a consciência procura o ato pelo qual o realizado se realiza, tal como na arte que não é simplesmente reprodução e imitação e mesmo no simples olhar do contemplador que procura encontrar, senão o gesto do próprio criador, pelo menos uma vida presente, com a qual ele simpatiza e da qual ele participa.

Expressando melhor que qualquer outro valor, este encontro do interior com o exterior, da consciência e do universo e, em nós mesmos da alma e do corpo, pelo qual se assegura nossa própria participação de um universo que nos ultrapassa e que une em nós a atividade e a passividade, o valor estético deve-se expressar por uma simpatia que nos fornece sem cessar um além de nós mesmos, do qual ele marca todavia conosco a afinidade, de tal modo que nossa própria consciência parece penetrar no interior das coisas e as coisas participarem da própria vida da consciência dominando o século, dominou também o pensamento de Lavelle que se pretende espiritualista, essencialista, mas que na realidade somente brinca de esconde-esconde com o existencialismo.

“O valor supõe sempre um engajamento de nossa própria atividade, o que faz pensar que ele provém de nós, supõe todavia uma ultrapassagem de nós mesmos e pode-se dar-lhe uma interpretação ontológica dizendo que exprime o acesso do ser à nossa consciência, uma saída do mundo do fenômeno e um acesso ao mundo do ser, que no fundo não é mais que uma interioridade, isto é, o espírito”.

Assim o valor estético não considera a sensibilidade como uma matéria que se deve transfigurar, espiritualizar. Os valores estéticos têm

uma íntima relação com a matéria pois não existe arte que possa dela se destacar, mas eles transfiguram esta matéria, em vez de só reproduzir sua estrutura; na matéria que empregam abolem sua característica de utilidade e mesmo de realidade, pois a ilusão de todas as emoções propriamente estéticas. Contudo, no valor estético o sujeito rejubila-se com o fato do sensível ser precisamente como é, ensina-nos a reconhecer o significado do sensível como tal que se junta ao inteligível em vez de o diminuir ou obscurecer. É característica do valor estético salvar o sensível, de nos impedir de confundir o abstrato e o real, de nos obrigar a captar o valor do concreto no ponto mesmo onde se produz o reencontro do particular fora de nós e, do individual em nós e, onde tomamos consciência de sua afinidade. É próprio do valor estético perturbar a sensibilidade, mas ao mesmo tempo purificá-la. Trata-se então de uma sensibilidade pura. É exatamente por isso que os valores estéticos convocam os valores espirituais, onde o Bem em si não se distingue mais do Belo.

A originalidade no valor estético consiste na aparência enquanto aparência, no espetáculo enquanto no espetáculo por ele retido e do qual mostra que existe um significado e que pode ser pretendido como tal e que de sua mera contemplação a consciência tira uma satisfação pura. É característico da arte obrigar-nos a ultrapassar a aparência das coisas para nos fazer perceber seu significado espiritual de tal modo que esta aparência seja considerada no estado puro independentemente das coisas, com o risco de ser só ilusão se tiver como finalidade que a realidade das coisas não venha mais se interpor entre o espetáculo que elas oferecem e a emoção que elas produzem. É então característico da arte servir de aparência para obter um encontro miraculoso entre o ato pelo qual procuramos construir o mundo, ato do intelecto e do querer, e o ato pelo qual o mundo eclode na vida em virtude de uma potência interior que sofremos e com a qual impatizamos, melhor do que a dominamos.

Encontra-se, então, no valor estético a característica comum de todos os valores que é a de nos colocar em relação com o absoluto. Em todas as artes trata-se de dar uma aparência, um rosto, no próprio ato do espírito que a partir do momento em que entra no mundo da participação conclama uma infinidade de modos de expressão diferentes. É próprio da arte dar uma forma a este mundo das possibilidades que temos no fim de nossa consciência, é neste sentido que toda a arte é justamente nomeada de criadora. Pode-se bem atribuir características nietzchianas a toda criação artística, pois não existe arte que não procure produzir um belo espetáculo e que não seja apolínicamente na execução, assim como toda a arte traduz uma inspiração nesta violência desencadeada das potências irracionais, que é designada pela palavra dionisíaca.

Em geral pode-se considerar o valor estético sob 3 planos diferentes e inseparáveis: sob o plano do objeto no qual se revela pela beleza do espetáculo, sob o plano da sensibilidade no qual se revela pela qualidade

da emoção e sob o plano da atividade no qual se revela pela potência criadora da imaginação. O valor estético reside precisamente nesta ligação que se estabelece por intermédio da emoção entre o espetáculo e o ato criador. Através destes 3 planos o valor estético se interioriza cada vez mais. Ele é a característica essencial da beleza que realiza o que é exigência própria de todo o valor, que é a ligação do finito e do infinito, mais propriamente a encarnação do infinito no finito. Se o valor estético nos parece de um modo mais penetrante que outros, manifestar a própria essência do valor supremo, porque nos mostra na beleza não somente a inteligibilidade da coisa mas mais ainda o caráter pelo qual nós podemos desejar que a coisa seja o que ela é e, não, outra que ela não é. Por isso a beleza é colocada naturalmente no alto da escala de valores desde que seja transportada do plano das coisas sensíveis para o plano das coisas espirituais; então a beleza sensível não é mais que uma imagem que mostra outra e um caminho que para lá conduz. O valor estético deixa sempre parecer um conflito entre a expressão: a beleza consiste numa certa proporção ou harmonia apaziguadas, que reconciliam as potências da alma e no limite, como na arte acadêmica, paralisa seu jogo. O conflito inevitável do valor estético é então sempre um conflito entre o interior e o exterior: pois a essência do valor estético é fazê-los concordar mas desde que um se sobrepuje em detrimento do outro, acontece como arte que só conhece símbolos e naquele que só conhece formas decorativas e o pior infortúnio é esta aliança artificial que os une, onde o símbolo perde sua interioridade e se torna uma cifra intelectual, onde a forma decorativa perde sua graça exterior em proveito do seu significado puro. É próprio da beleza fazer-nos penetrar na própria intimidade do ser transparece através do espetáculo que nos dá. É próprio dos valores estéticos testemunhar o encontro do ser e do ato, pois a beleza pode ser não somente apercebida e contemplada mas ainda produzida e criada por nós. O valor estético mostra ainda como a natureza e o espírito se encontram em vez de se oporem. Na beleza da natureza surge, como suficiente, o que é possível se ela é o próprio testemunho do espírito. Assim a arte é verdadeiramente criadora pois gera seres novos com os quais podemos entrar em comunicação e que possuem por vezes mais intensidade e vida que aqueles que encontramos na vida. O valor estético põe particularmente em evidência esta característica de admiração, que testemunha a distância entre o valor onde ele se faz presente e a consciência que o distingue sem ser capaz propriamente de o atingir. Esta distância, com efeito, se encontra no valor estético por uma dupla razão, a saber. I — a obra de arte supõe o gênio do artista ao qual todo o homem pode se reconhecer estranho e desigual, sem qualquer vergonha. II — excluindo o desejo que tende à posse (salvo quando perde seu caráter estético) e só pode ser o objeto duma contemplação, que o deixa separado de nós.

Não é a intensidade do prazer que faz seu valor estético, nem é também seu apaziguamento, é um certo encontro dos sentidos e da razão

que fornece à nossa consciência sua atividade, sua satisfação mais pura e que nos comove freqüentemente de um modo mais profundo que as perturbações mais violentas de nossa vida afetiva.

É próprio do valor estético reconciliar o valor com ele mesmo. Não pertence mais à vontade como o valor moral nem à realidade dada como o objeto sensível. O valor estético é ao mesmo tempo contemplado e desejado. O que me agrada faz ainda com que me rejubile que a coisa exista no mundo e que a deseje tal qual ela é. O valor estético é o próprio valor da criação e na arte o homem rivalisa com o criador a ele se subordinando. Para o homem exilado no meio onde se escoia a vida quotidiana, a arte é a procura de uma pátria espiritual, de seu verdadeiro clima. Que coincidência de idéias com Baudelaire, o poeta exilado, que procurava um mundo essencial por traz do mundo das aparências.

O valor como "espírito em ato" como "participação não estética mas atualisante" na obra da criação, invisível e escondido a fim de ser a intimidade própria de cada coisa, a revelação de sua essência ao mesmo tempo expressa e manifestada, é o caráter nas coisas que faz com que elas mereçam existir. Enfim, os valores, passagem de uma estática a uma dinâmica, são somente uma consciência de si que explorando-se a si mesma, permitiria ao homem levantar o véu de Isis a fim de aí procurar seu próprio ser, pois:

"Em certos estados de alma quase sobrenaturais a profundidade de vida se revela completa, no espetáculo tão comum que seja, que se tem sob os olhos".

**Tradução de: Maria da Piedade Eça de Almeida**